Esse desempenho mostra que o Brasil é o único país produtor-exportador com possibilidade de sustentar a demanda mundial, pois possui estoques consideráveis, para a atual conjuntura do comércio mundial de café, de 11 milhões de sacas de 60kg, sendo 2 milhões da iniciativa privada.

No que se refere ao aumento da competitividade do café brasileiro, o efeito da desvalorização da moeda nacional foi imediato e ficou bem claro nesse mês de fevereiro. Os EUA obtiveram um acréscimo de 310% em suas exportações, a Alemanha de 137% e a Itália de 26%, comparados com o mesmo período do ano passado.

Esse aumento da competitividade gerou euforia e ao mesmo tempo temor aos agentes exportadores, cujos registros de exportações para o período de fevereiro a abril já somam 6 milhões de sacas de 60kg. Os agentes aceleraram os pedidos de registro, por conta da expectativa de uma possível imposição do governo – impostos sobre as exportações de café via ICMS ou o estabelecimento de cota de contribuição. Ambos seriam desestimulantes para o setor, já que o Brasil está em posição privilegiada em relação aos demais concorrentes. Sua competitividade é maior em razão da diferença cambial e de ser o único a possuir estoques consideráveis nas mão do governo.

Exportado um total de 1,85 milhão de sacas de 60kg em fevereiro, gerando uma receita cambial de US$208 milhões. Em relação a janeiro, um crescimento de 32%, e em relação ao mesmo período do ano passado, crescimento ainda maior: 94%.

No que diz respeito às exportações de café solúvel, apesar de o Brasil ter aumentado em 6% seu volume exportado para os EUA, sua participação em relação ao total importado por esse país caiu de 29% para 26%. A principal razão foi o aumento das vendas do Canadá e do Equador.

E-mail: roger@fgv.br

Conjuntura

INDICADOR DO MILHO FGV/BM&F

Motivos para alta

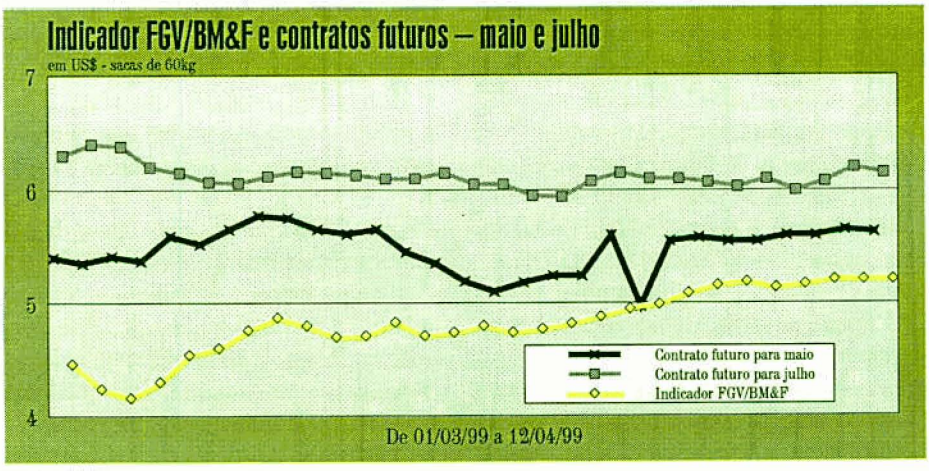
O mercado do milho ensaia uma mudança para cima no comportamento dos preços

Rogério Ferreira de Souza

Com a intensificação na colheita da soja e a logística de transporte e armazenagem voltada para esse produto, os vendedores diminuem a disponibilidade do produto.

Os contratos futuros negociados na BM&F no curto e médio prazos (maio-julho) apontam para um cenário altista em relação ao mesmo período do ano passado. A média do indicador FGV/BM&F em maio de 1998 foi de R$9,00. Para este ano, os agentes atuantes no mercado futuro de milho apostam em preços superiores, algo em torno de R$9,30/9,40, contando com uma taxa de câmbio constante. Caso se confirmem os preços projetados no contrato para entrega no final de maio, a variação significaria um aumento de 9% comparativamente ao mesmo período do ano passado.

No médio prazo, os agentes acreditam em altas ainda maiores. Os contratos para entrega em julho deste ano apresentam variação de alta em torno de 26%. O preço médio do indicador FGV/BM&F em julho de 1998 foi de R$8,44. O contrato futuro para entrega em julho deste ano indica preço entre R$10,6 e R$10,70. Preços extremamente elevados, que os agentes do mercado de milho justificam baseados em alguns fatores importantes: safra de verão aparentemente menor 0,8% em relação à safra passada, possível redução na área plantada para a colheita da safrinha em detrimento de preços melhores para a cultura do trigo e dificuldade no processo de importação do milho, em virtude de um câmbio valorizado.



E-mail: roger@fgv.br